

HISTÓRIAS FAMILIARES: DA SUBMISSÃO A TRANSGRESSÃO ATRAVÉS DAS EDUCAÇÃO

FAMILY STORIES: FROM SUBMISSION TO TRANSGRESSION THROUGH EDUCATION

“Que nada nos limite. Que nada nos defina. Que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja a nossa própria substância”.
Simone de Beauvoir

Eduarda Arruda Silva^{1,*} / Jusimara Alves Neres¹ /
Tamara Raiane Rocha Paes¹ /
Domingos Rodrigues da Trindade¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao decorrer de nossas vivências principalmente no âmbito familiar nos defrontamos com histórias, as quais nos deixaram em alguns casos submissos e só a partir do contato com a educação conseguimos transgredir respectivas situações que nos sujeitamos vivenciar.

Nossos relatos envolvem as temáticas sobre o patriarcado, escolha religiosa, desigualdades e exclusões sociais, submissão da mulher perante o homem, do negro perante o branco. Objetivando evidenciar que a submissão, ou ao menos a tentativa dela está em todos os espaços, idades e vínculos, por isso a luta se faz necessária, a transgressão deve ser diária, porquanto o militante não descansa.

Tendo como base teórica e epistemológica, por exemplo, Freire (1996), Trindade; Leal (2018), este resumo está estruturado em três tópicos, os quais abordam três vivências, algumas demonstram alegrias outras tristezas, mas todas no final são exemplos de vidas transformadas pelas educações.

RESUMO

Neste texto destacamos as histórias de três meninas, estudantes de pedagogia, que envolvem patriarcado, escolha religiosa, desigualdades e exclusões sociais, submissão da mulher perante o homem, do negro perante o branco, racismo, transgressão, educações. Histórias reais que podem causar revolta, emoção, mas acima de tudo exemplos de pequenas (ou não tão pequenas) vitórias, e que sejam motivo de orgulho, incentivo a você que está lendo. Houve muitas conquistas das mulheres, dos negros no decorrer dos anos, mas poderemos observar que há muito a ser feito. As histórias ficam como exemplo de temas para futuros estudos, projetos que contemplem esses temas e façam com que essas transgressões ocorram no dia a dia, de forma individual para então visualizarmos as mudanças na coletividade.

Palavras-chave: Educações. Histórias familiares. Submissão. Transgressão.

ABSTRACT

In this text we highlight the stories of three girls, pedagogy students, which involve patriarchy, religious choice, inequalities and social exclusions, submission of women to men, blacks to whites, racism, transgression, education. Real stories that can cause revolt, emotion, but above all examples of small (or not so small) victories, and that are a source of pride, encouragement to you who are reading. There have been many achievements of women and black people over the years, but we can see that there is much to be done, the stories are examples and themes for future studies projects that address these themes and make these transgressions occur in everyday life, individually so we can visualize the changes in the collectivity.

Keywords: Educations. Family stories. Submission. Transgression.

Submetido em: 26 de set. 2022

Aceito em: 04 de nov. 2022

¹Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Guanambi, Bahia – Brasil
^{*}E-mail para correspondência: duudarrudaa@gmail.com

O patriarcado como item estruturante da sociedade

O patriarcado que define as relações não apenas marido e mulher, como de pai e filhos, onde o primeiro foi colocado e se mantém em posição privilegiada, posição considerada de superior, de mandatário diante dos demais membros da família, como no caso em que eu, minha mãe e meu pai estávamos assistindo televisão e ao terminar o programa de interesse do meu pai, o mesmo desliga a televisão e se retira. Meu pai, naquele momento, enquanto ‘patriarca da família’ não se vê em posição de dar satisfação e acredita que essa ação é normal e conseqüentemente não pensa sobre, pois não tem a capacidade de reconhecer o outro como igual.

Alguns anos depois, mudei de cidade para continuar os estudos e também trabalhar, comprei uma TV e enviei destinada a minha mãe. Hoje mesmo que ele não queira continuar assistindo, a TV continua ligada para mim, minha mãe ou quem mais estiver. Ele provavelmente continua sem pensar sobre, mas eu penso muito sobre e continuo comemorando as pequenas vitórias, minhas e das demais mulheres, aos poucos vamos ocupando nossos espaços.

O patriarcado é analisado por muitos escritores como uma herança da escravidão e existe desde a colonização portuguesa, especialmente no Brasil, e foi abordado, por exemplo, por Simone de Beauvoir, ao citar Stuart Mill, que defendeu o voto feminino perante o Parlamento,

Estou convencido de que as relações sociais dos dois sexos, que subordinam um sexo a outro em nome da lei, são más em si mesmas e constituem um dos principais obstáculos que se opuseram ao progresso da humanidade; estou convencido de que devem ser substituídas por uma igualdade perfeita. (O Segundo Sexo. Vol. I, 1970, p. 158).

Essa ‘igualdade perfeita’ nunca foi alcançada, mas o voto feminino em questão foi alcançado, assim como houve outras conquistas significativas como consequência de muita luta e resistência feminina, luta essa que deve ser diária e precisa de todos e todas.

Transgressão religiosa e a mudança da perspectiva de vida

A família exerce grande influência diante das nossas escolhas no decorrer da vida, seja de forma direta ou indireta. Em alguns casos os filhos acabam indo de acordo às concepções dos pais e se perdem, por não se autoconhecerem ou por receio de ser motivo de frustração para a família. Porém, ao contato com as educações conseguem transgredir de modo a reconhecer suas próprias verdades e segui-las, independente da expectativa do outro.

Posso exemplificar mediante indagações com uma vivência minha, pois quando nasci meus pais já haviam se tornado evangélicos, então conseqüentemente desde criança eles me levavam a igreja, e eu sempre gostava. Entretanto, ao decorrer do tempo eu compreendi que a doutrina imposta não correspondia aos meus anseios enquanto cristã. Então decidi não mais frequentar essa respectiva igreja e procurei conhecer outras até me encontrar. Não foi um processo fácil, mas foi necessário e a aceitação veio com o tempo. Somente consegui compreender que me via em um espaço de submissão por meio da escola, a qual foi uma das responsáveis por minha resignificação.

Segundo Freire (1996, p. 55) “Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém”, somos os únicos responsáveis pela construção da nossa autonomia, entretanto é um processo contínuo, no qual as experiências são significantes. Visto que, se eu não tivesse estabelecido contato com outros saberes eu não seria capaz de tomar respectivas decisões.

Infelizmente esse acesso não é popularizado, o sonho anisiano¹ de uma instituição pública, gratuita e inclusiva ainda é uma realidade distante para muitos. Principalmente para quem vive no campo, justamente que é prejudicado pelo alto índice de fechamento de escolas nessas áreas, uma vez que a gestão pública acha mais viável trancar as portas das instituições e contrataram empresas de transporte escolar para fazerem essa migração dos alunos da zona rural até as escolas da zona urbana.

De acordo com Trindade; Leal (2018, p,1):

A política de fechamento das escolas tem de ser refletida pelos gestores em diálogo com as pessoas que vivem e trabalham no campo, pois tal medida serve de certo modo para reforçar os estereótipos construídos no imaginário da sociedade brasileira de que as pessoas do campo não necessitam de estudo.

Esse é somente um exemplo das dificuldades enfrentadas por essa comunidade, da qual faço parte. Na minha família a educação foi e é privilégio para poucos, na minha casa fui a primeira e a única a concluir o ensino básico e ingressar na universidade. Muitos romantizam esse feito, mas deveria ser algo comum. Entretanto, somente será possível através de políticas educacionais que assegurem e deem suporte necessário para essa comunidade.

Preconceito no âmbito familiar

O preconceito está em toda parte, mas, quando é por parte da família se torna ainda mais difícil enfrentar essa disseminação de ódio. Temos a expectativa de que sejam a nossa base, nossa bengala e se encontrarem disponíveis sempre para ajudar, mas nem sempre é realmente uma fonte de apoio.

Minha mãe foi a única que nasceu com o cabelo crespo entre os dois irmãos, a própria sempre teve uma autoestima muito baixa desde a sua infância até os dias atuais, justamente, pelos comentários que a acompanharam desde criança em relação ao seu cabelo. Ela conta: “Eu lembro que às vezes acordava com o cabelo lindo, e saia toda feliz com a minha irmã que tinha o cabelo liso e bem grande, normalmente, quando chegávamos a reuniões familiares, alguém falava que meu cabelo era bonito, e que ficaria mais bonito ainda se alisasse”, minha mãe hoje não tem mais o cabelo crespo, mas com a representatividade e o conhecimento de hoje, ela se arrepende de ter passado produto no cabelo para deixá-lo liso e defende que eu mantenha meus cachos e assim faço.

Acredito que se na época da minha mãe tivesse músicas como Cabelo Crespo de Aka Rasta: “Meu cabelo crespo, tão lindo ele é, minha pele preta, tão linda ela é, carrego atitude, da cabeça aos pés”, se nas escolas que ela estudou trouxesse negras de cabelo crespo que foram importantes para a história, tudo isso teria incentivado para a criação da sua identidade e por consequência a sua autoestima mais cedo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias familiares por nós relatadas evidenciam a submissão, as situações constrangedoras vivenciadas por cada uma e por nossos entes, e a consequente transgressão a partir das educações, sejam elas escolares ou não escolares e posterior ressignificação de nossos valores, de nossas verdades.

Evidenciamos ações corriqueiras de subalternização que são vistas por muitos indivíduos, como algo normal de ser vivido devido à falta de compreensão de mundo. Ademais, abordamos temáticas que estão presentes desde as primei-

ras sociedades constituídas, denotando a necessidade das instituições educacionais, através de práticas libertadoras acabarem com os ideais eurocêntricos e nossa influencia nessa mudança.

É preciso normatizar pessoas com deficiência, filhos de lavradores, quilombolas, indígenas, negros dentro do campo acadêmico, para que histórias de superação como essas sejam constantes, pois somente a educação é capaz de libertar os oprimidos.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo, fatos e mitos**. 4ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 158. v. 1.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 55.

RAMOS, Guilherme da Silva. **Cabelo Crespo**. In: RASTA, Aka.

TRINDADE, Domingos. LEAL, Maria Eunice. **Sou do campo: como me sinto na cidade?** Maceió / AL: 70ª Reunião Anual da SBPC, 22 a 28 de jul. de 2018, p. 01.